

ECONOMIA SOLIDÁRIA:
elementos para uma crítica marxista

Maria Thereza Candido Gomes de Menezes*

RESUMO

Esta tese procura demonstrar que a economia solidária, apresentada pelos seus principais teóricos como uma alternativa aos efeitos mais perversos do capitalismo (miséria, desemprego e degradação do trabalho), sobretudo no atual estágio do capitalismo marcado pela predominância do setor financeiro parasitário conjugado à retração do Estado no campo das políticas sociais encerra um projeto político de corte conservador funcional à sedimentação da hegemonia do capital e à reprodução ampliada da ordem burguesa. Com base na retórica das chamadas “práticas sociais alternativas”, nos preceitos da “responsabilidade pessoal” – lema ideológico do “terceiro setor” – e sob a égide da auto-ajuda, da autogestão, do associativismo, do cooperativismo, da inserção da miséria na esfera do crédito (micro-crédito) - configurando um processo de financeirização da miséria - e do apelo aos fundamentos do anticapitalismo romântico e do socialismo utópico o *projeto político* estruturado pela “economia solidária” volta-se para a manipulação ideológica no sentido da desmobilização da classe trabalhadora, sua conseqüente acomodação ao sistema capitalista de produção e reprodução da vida, reforçando a hegemonia do capital norte-americano.

Palavras-Chave: Economia solidária. Terceiro setor. Responsabilidade social.

ABSTRACT

This thesis tries to demonstrate that the “solidarity economy”, presented by its own theoretic principles and as an alternative to the perverse effects of capitalism (poverty, unemployment and labor deterioration), mainly on this current historic stage, distinguished by the predominance of the parasitic financial sector coupled with the withdrawal of the government (State) in the field of social politics, is in reality a conservative political project useful to the sedimentation of the capital hegemony and to the amplified reproduction of the bourgeoisie command. Based on the rhetoric of the so called “alternative social practices”, in the precepts of the social responsibility – slogan and ideological rules of the “tertiary sector – and under the protection of the self-government, co-operative, social-mindedness, of the insertion of the poverty in the scope of the credit (micro-credit) and the appeal of the basis of the anti-capitalism and the utopian socialism, the political project structured by the solidarity economy turns to the ideological manipulation in the form of demobilization of the working class, and its consequent adjustment to the capitalism system of the production and reproduction of life, reinforcing the hegemony of the United State of America.

Keywords: Solidarity economy, tertiary sector, capital globalization, political demobilization, alternative social practices, micro-credit, social responsibility.

1 INTRODUÇÃO

* Professora Doutora da Universidade Federal Fluminense – UFF.

Este estudo tem como ponto de partida mostrar o perigo de um projeto político de cunho salvacionista, tal como entendemos ser a “economia solidária”. Em outros tempos poderia parecer estranho a nossa crítica estar centrada em alguns autores, cada um a sua moda, que tiveram e têm vinculação com a matriz do pensamento de esquerda e que foram severamente penalizados durante o período da ditadura militar no Brasil e na América Latina e, hoje, são os principais formuladores e fomentadores da economia solidária no continente. Essa opção, no entanto, é plenamente justificável, porque ponderamos que esses intelectuais seriam os coadjuvantes da transformação social. Portanto, uma das intenções que permeiam a reflexão da tese é responder a uma questão que constitui, a nosso ver, uma das chaves para a elucidação de um fenômeno de singular importância para a reorientação da luta política não apenas nas áreas do capitalismo periférico, mas também, em escala maior: quais as condições objetivas e subjetivas que levaram uma parcela representativa de intelectuais de esquerda – na maioria de filiação originariamente marxista – a assumir as premissas básicas de uma *razão resignada* e participar, com tanto empenho, na elaboração de propostas teóricas capazes de alicerçar projetos políticos conciliadores e funcionais para a sedimentação da hegemonia do capital e da reprodução ampliada da ordem burguesa? Para tanto, a nossa preocupação em responder a esta e outras indagações, que compõem a nossa reflexão, não poderia abrigar as simplificações freqüentes na prática política de alguns setores da esquerda marcados pela anorexia intelectual e pela conseqüente magreza teórica. E, assim, atribuir mecanicamente a motivações subalternas as mudanças de posição e de pensamento incorporadas pelos intelectuais de esquerda, cujas idéias (e apenas elas, vale sublinhar) foram analisadas e criticadas ao longo da tese. Nosso objetivo foi o de estabelecer a dimensão e a natureza das relações entre as teorizações desses intelectuais e a destinação política que elas assumem e, ao mesmo tempo, desnudá-las com o fito de proporcionar àqueles que ainda acreditam na necessidade de um confronto com a barbárie que degrada a sociabilidade e esmaga as possibilidades de redirmos o “o rico ser do homem” de que falava Marx uma reflexão voltada para a superação desse miserável mundo engendrado pelo capitalismo.

2 DESENVOLVIMENTO

Com o suporte do instrumental heurístico marxiano o conjunto da produção analisada revelou o viés da conciliação e da adaptação ao sistema da ordem burguesa, no lugar de ações e formulações combativas, que caracterizariam as posições políticas desse grupo de intelectuais. E que, por sua vez, vieram confirmar a decadência do pensamento crítico, expressado através do recurso da labilidade política, que, na sua essência, se manifesta através de uma posição teórica eclética e, portanto, escorregadia, adaptável e conciliadora – traço comum e marcante das teorizações efetuadas no período que engloba de 1998 a 2003. A conjuntura histórica que abarca o início do segundo mandato do Presidente Fernando Henrique Cardoso e o primeiro ano do governo do Presidente Luiz Inácio Lula da Silva. Procuramos, ao contrário do que vem ocorrendo na cultura dominante da academia, fustigar a hegemonia do “pensamento único”, desentranhando do ponto de vista das classes operária e trabalhadora aquilo que subjaz nas teorizações, aparentemente progressistas, sobre a economia solidária e trazer para a superfície a verdadeira intenção dessa proposta. Ou seja, mostrar que ela está profundamente sintonizada com as recomendações dos organismos multilaterais que difundem e legitimam, na sombra, a orientação dos países imperiais voltados para a sustentação dos interesses do capital financeiro nacional e internacional e, simultaneamente, contribui para a sedimentação da hegemonia norte-americana. É nesse quadro que atribuímos relevância à proposta da “economia solidária” como um *projeto político* que, além de inscrever a miséria na órbita dos mecanismos de crédito, metamorfoseado em *política social* de combate à pobreza e ao desemprego soma, ao seu discurso ideológico, a noção de empreendedorismo, tão funcional à precarização e à terceirização do trabalho, com o aval do movimento sindical e da universidade pública através das incubadoras de cooperativas. Destacamos no balanço da produção intelectual que, mediante a crítica à moderna civilização industrial – incluindo processos de produção e trabalho -, os autores, percorrendo a trilha do anticapitalismo romântico (MARCOS ARRUDA, RUBEM CÉSAR FERNANDES, NANCI VALADARES CARVALHO, JOSÉ LUÍS CORAGGIO) e do socialismo utópico, (PAUL ISRAEL SINGER) restauram valores sociais e culturais pré-capitalistas, como formas de resistência e luta pela vida, que dão lastro à afirmação ideológica (ou legitimação) do “terceiro setor”, no qual a “economia solidária” é um dos seus desdobramentos, na instância de uma agenda programática centrada no associativismo comunitário, *convivendo com o capitalismo real*. Idealismo que implica incorporar, anacronicamente, valores na sociedade de mercado, tais como solidariedade, reciprocidade, dádiva e co-responsabilidade, delegando um novo sentido para o dinheiro: como meio (circulação) e não como fim. Essa *démarche* acarretou a necessidade de uma crítica teórica sobre a redefinição da noção de “sociedade civil” que permeia e fundamenta

a construção do “terceiro setor” e na medida em que a “economia solidária” se constitui uma de suas expressões. A elucidação teórica e política do “terceiro setor” nos obrigaram a duplo movimento: a identificação de seus próprios fundamentos teóricos, radicados de maneira mais incisiva na matriz habermasiana e no transplante ideopolítico do associativismo norte americano, representado pela *pós-modernidade* acadêmica de COHEN e ARATO (1995-1994) dois dos principais teóricos que manejam a reconceitualização da categoria “sociedade civil” para torná-la sinônimo do “novos movimentos sociais”. A visão quase idílica de uma *nova sociedade civil* é o verdadeiro condutor de uma proposta, cujo êxito depende de sua capacidade de mostrar o caráter ultrapassado da formulação marxiana e, para isso, além da exaltação persistente do cotidiano, do “mundo da vida”, da celebração da informalidade, recorrem à escorregadia relação entre o público e o privado, protagonizado pelas associações privadas, pelas organizações não-governamentais e sua decantada horizontalidade política e sua flexibilidade operacional, em confronto com a arcaica e rígida burocracia estatal. Exacerbando o potencial transformador dos “novos movimentos sociais”, encontram neles a possibilidade de criação de uma nova sociabilidade baseada numa *ética da solidariedade*. Enfim, uma nova sociabilidade a serviço da busca do equilíbrio social e plenamente compatível com uma *razão resignada*. Questionamos teórica e politicamente as formulações, propostas e práticas desenvolvidas pelo professor Paul Singer (socialista confesso) que desenterra as premissas do *socialismo utópico* para estruturar o seu projeto de “economia solidária. No qual se propõe, de início, ser uma alternativa ao capitalismo e, na verdade, exerce o papel de ser um instrumento altamente eficaz na consolidação do projeto burguês sob a égide de uma “contra reforma”. Economicamente regressiva, politicamente conciliadora e teoricamente equivocada, a “economia solidária” estabelecida nos moldes de Paul Singer já se incorporou, no caso brasileiro e em outros países da América Latina, às políticas governamentais subordinadas aos interesses do capital parasitário-financeiro na atual etapa do capitalismo. Porém nossa crítica recai, sobretudo, no papel que a “economia solidária” desempenha junto à classe trabalhadora em função do reforço que ela representa enquanto uma política social que auxilia a desmobilização do movimento operário e como fonte que abaliza a precarização do trabalho.

3 CONCLUSÃO

Procuramos debater nesta tese a questão das vias “alternativas” nos campos da produção e da reprodução social, defrontando-as com a pobreza e o desemprego. Constatamos

que elas encerram não um conjunto de práticas sociais alternativas para além do Estado e do mercado, através da “economia solidária”, mas sim um *projeto político* embalado pelo sedutor “canto da sereia”, como sugere Montaño (2002) e, portanto, sustentado pela ilusão própria da manipulação ideológica. Sob a ótica do anticapitalismo romântico e do socialismo utópico pudemos verificar que o referido *projeto político* é mais do que funcional à lógica da “mundialização do capital”. O *projeto político* embutido no “terceiro setor” é a expressão da reprodução social na atual etapa do capitalismo marcado pela predominância do setor financeiro combinado com encolhimento e atomização da área produtiva. Os ideólogos comprometidos com esse projeto partem do princípio que, diante dos dissabores da realidade social contemporânea, não há lugar para o ceticismo e o pessimismo. Ao contrário, numa dialética de vulgata, a realidade social, a despeito do capitalismo, traz a possibilidade de criação e operacionalização de novas formas de combate à pobreza e ao desemprego nas quais subjaz uma *nova civilização* (GORZ, 2004, p. 9; SANTOS, 2002, p. 25, TOFLER, 2003, p. 24). Desprezando, deliberadamente, a racionalidade e a dinâmica da “mundialização do capital” (CHESNAIS, 1996-1999; HUSSON, 1999; HARVEY, 1992) tais ideólogos ponderam que se faz urgente, tal como um ato de *engajamento político*, a construção de uma “globalização contra-hegemônica” (SANTOS, 2002, p. 24) – núcleo central do *projeto político* – com os pobres e desempregados do mundo. Na defesa desse projeto, a esquerda não-marxista e os que abjuraram Marx demonstram, através de suas inferências, uma indiferenciação em seus discursos. Os jargões que norteiam a concretização da “economia solidária” denotam que já não existe “[...] demarcação dos campos em conflito” (ARANTES, 2004, p. 182) ou, de forma mais contundente: “para não falar em promiscuidade” (ARANTES, 2004, p.182) entre as retóricas e as práticas da direita e da esquerda¹. O *projeto político* encarnado na “economia solidária”, enquanto um dos desdobramentos do “terceiro setor”, é uma manifestação ideológica exemplar para conferir a decadência do pensamento progressista burguês e o recuo teórico-prático de significativa parcela de intelectuais que integravam os campos teóricos do marxismo ortodoxo ou não². A retração do pensamento crítico ontológico vem acompanhando a crise e/ou

¹ Na apreciação de Arantes, acerca das teorizações do professor Paul Singer, no livro *Uma Utopia Militante*, as idéias de Singer confirmam que já não existe esta demarcação dos campos em conflito, ou, que a esquerda perdeu o seu *élan* revolucionário tanto é que o socialismo advogado por Singer “[...] tem que ocorrer por meio de algo como adesão voluntária, através de ‘implantes’ socialistas, o que ele chama de ilhas de “economia solidária” (ARANTES, 2004, p. 296).

² De acordo com Florestan Fernandes a esquerda no Brasil padece de uma “[...] ânsia de entrar na ‘nova onda’, de caminhar à frente, de estar sempre na moda [...]. No Brasil, como no resto da América Latina, ficamos prisioneiros de sucessivas reflexões sobre o marxismo, que vinham prontas e acabadas de fora. Os ‘interpretes’ fabricavam colonialmente a cabeça dos revolucionários de gabinete [...]” (FERNANDES, 1995, p. 248). Na visão de Chasin, a esquerda hoje “[...] pratica o donjuanismo teórico e a bufoneria política [...], sob a forma da labilidade militante” (CHASIN, 1999, p. 20).

a decadência do ideário progressista burguês. Ambos “vitimados” pela “filosofia do imperialismo, que se expressa de acordo com Lukács (1979, p. 26), “[...] pela procura incansável de suas fontes no passado”, Expediente ideopolítico que transporta para o “terceiro setor” e a “economia solidária” como uma de suas manifestações, a função de ser o instrumento de “regulação moral da reprodução social” (ARANTES, 2004, p. 173). O recurso ideopolítico supracitado não representa uma possibilidade para a criação de uma sociedade autônoma livre dos condicionamentos do Estado e do mercado. Ao contrário, a pretensa “nova civilização”, inscrita no projeto “alternativo”, obedece à risca os cânones da reprodução social no marco da “mundialização do capital”. Ao se remontar às formas pré-capitalistas de produção e reprodução, ela repõe um dos mais significativos trunfos do capitalismo hodierno: “[...] basear-se na recusa de progresso em relação a largos sectores sociais [...]” (HUSSON, 1999: 6). Por outro lado, a idéia proporcionada pela carga simbólica do capital financeiro³ de “[...] viver perigosamente como suplemento espiritual, algo como um existencialismo de mercado, [serve] tanto para a edificação dos de baixo como para a exaltação das proezas dos ganhadores” (ARANTES, 2004, p. 180). As ações da “economia solidária”, desenvolvidas através das cooperativas de trabalho, do programam de microcrédito e de outras atividades articuladas com diversos órgãos públicos, ministérios e com programas sociais do governo federal, além da criação da Secretaria Nacional de Economia Solidária vinculada ao Ministério do Trabalho e Emprego, perderam o seu caráter “alternativo” em 2003. No Governo de Luiz Inácio Lula da Silva passou a constituir uma política oficial. Contraditoriamente, a “economia solidária” concebida como um veio “alternativo” ao capitalismo acabou reproduzindo o retrocesso das políticas sociais do projeto societário neoliberal: a “economia solidária”, antes e depois de sua formalização, terminou por estimular a retração do Estado, a manutenção da focalização das ações sociais, não garantindo a universalidade dos direitos sociais; ampliou frentes de trabalho que favorecem a terceirização, a precarização, desregulamentação e a superexploração do trabalho. Partindo dessas evidências, a “economia solidária”, mesmo com sua tenra idade, anuncia que, dificilmente, atingirá o objetivo para o qual foi concebida: “uma alternativa não-capitalista” (SINGER, 1998, p. 131). Relembrando Marx, não existe a possibilidade de formas alternativas no universo da reprodução em qualquer modo de produção, portanto o capitalismo não está isento dessa determinação, porque “As condições da produção são ao mesmo tempo as condições de reprodução” (MARX, 1988, p.145). As modalidades que encerram o *projeto*

³ Na concepção de Husson esse fetiche do capital financeiro não é rompido nem pelos próprios analistas que estudam este setor da economia. De acordo com Husson, o autor avalia que “A limitação principal de muitas abordagens, mesmo as que se querem críticas, é não romperem com um feiticismo da finança” (HUSSON, 1999, p. 99).

político “terceiro setor”, além de inócuas para o combate do desemprego e da miséria, que acreditamos ser do pleno conhecimento de seus formuladores – no caso os intelectuais de extração marxista -, têm sido extremamente eficazes para a manipulação política e a cooptação ideológica da classe operária. Com o destacado auxílio das universidades públicas e a cumplicidade das associações docentes bem como, da Central Única dos Trabalhadores (CUT). O *projeto político* da “economia solidária” preconiza a “história em migalhas”, o mundo privado, o “mundo da vida”, as práticas invisíveis cunhadas no interior de um mundo paralelo à sociedade oficial perversa. O seu alvo preferencial se foca na idéia de que a teoria marxiana *démodé* não está, à altura para captar o fecundo significado originário das práticas sociais orientadas pela *dádiva, pela solidariedade, pela ajuda mútua e pela inadequada apropriação da autogestão que faz parte do universo socialista*⁴. Rendidos, diante da fortaleza da hegemonia do capital financeiro, o *projeto político* emanado da “economia solidária” recomenda recolhimento, a saída da cena pública e política do imobilismo “[...] do tempo imóvel em um presente congelado, petrificado de pavor diante de um futuro incerto” (DOSSE, 1994, p. 168). Nesse sentido, o cerne do *projeto político* que consideramos ser a “economia solidária” e as instituições que a integram é uma forma de persuasão para que as classes trabalhadoras em geral e o proletariado em particular internalizem e assumam o auto-emprego e o não-assalariamento como manifestações benéficas que estimulam sua emancipação econômica. Em parte podemos afirmar que, a “economia solidária” vem obtendo um considerável sucesso junto às organizações políticas da classe operária. O envolvimento, a colaboração e a inserção da Central Única dos Trabalhadores e de sindicatos fortes do setor produtivo na estrutura operacional e da efetiva participação econômica desses organismos na concretização das atividades da “economia solidária” demonstram que, no plano da cooptação ideológica⁵, o *projeto político* da “economia solidária” vem obtendo respostas positivas. E, portanto, longe de ser uma possibilidade de construção da decantada “contra-hegemonia globalizada”, a “economia solidária” reforça a hegemonia norte-americana costurada por forças extra-

⁴ No entendimento de Antunes o processo da “acumulação flexível” acentuou a cooptação do operário. A cooptação que nos referimos Antunes denomina de “*envolvimento manipulatório* levado ao limite (1995), em que o capital busca consentimento e a adesão dos trabalhadores, no interior das empresas, para viabilizar um projeto que é aquele desenhado e concebido segundo seus fundamentos exclusivos. Trata-se de *alienação ou estranhamento* (etefremdung) que, diferenciando-se do despotismo fordista leva a uma interiorização ainda mais profunda do ideário do capital [...] (ANTUNES, 1999, p. 190).

⁵ No entendimento de Antunes o processo da “acumulação flexível” acentuou a cooptação do operário. A cooptação que nos referimos Antunes denomina de “*envolvimento manipulatório* levado ao limite (1995), em que o capital busca consentimento e a adesão dos trabalhadores, no interior das empresas, para viabilizar um projeto que é aquele desenhado e concebido segundo seus fundamentos exclusivos. Trata-se de *alienação ou estranhamento* (etefremdung) que, diferenciando-se do despotismo fordista leva a uma interiorização ainda mais profunda do ideário do capital [...] (ANTUNES, 1999, p. 190).

econômicas que homogenizam mediante um transplante cultural – a ênfase no associativismo, no empreendedorismo, no “faça-você-mesmo – do *american way of life*. Por fim, em Lukács encontramos a chave mestra para desvendar o verdadeiro significado do “terceiro caminho”:

À medida que a crise se prolonga, a concepção de um ‘terceiro caminho’ progride cada vez mais no plano social: é uma ideologia segundo a qual nem o capitalismo nem o socialismo correspondem às verdadeiras aspirações da humanidade. Essa concepção parece aceitar tacitamente o fato de que o sistema capitalista é teoricamente indefensável tal como existe. Mas assim como o ‘terceiro caminho’ na teoria do conhecimento tinha por missão readmitir diretamente em seus privilégios o idealismo filosófico, não mais defensável, o ‘terceiro caminho filosófico’ está investido da missão social que consiste em impedir a ‘intelligentzia’ de tirar da crise a conclusão socialista. Por ser indireto, o ‘terceiro caminho’ não deixa de ser uma *apologia do capitalismo*” (LUKÁCS, 1979, p. 45). [Grifos nossos].

REFERÊNCIA

MENEZES, Maria Thereza C.G. de. **Economia Solidária**: elementos para uma crítica marxista. Rio de Janeiro: UFRJ, 2005. Tese de Doutorado. (Para um maior aprofundamento, consultar a bibliografia desta tese).